

## A ABORDAGEM MIDIÁTICA SOBRE FEMINISMO E O DIREITO AO VOTO FEMININO EM BELÉM (1930- 1934)

Um estudo da Revista “A Semana”

## THE MEDIA APPROACH TO FEMINISM AND WOMEN'S RIGHT TO VOTE IN BELÉM (1930-1934)

A study by the magazine “A Semana”

ANTONIO CARLOS SARDINHA<sup>1</sup>

ZANDRA LOPES PALHETA FREIRE<sup>2</sup>

CARINA SANTOS DE ALMEIDA<sup>3</sup>

### RESUMO

O artigo analisa o tratamento da demanda por direitos às mulheres, observando a cobertura realizada pela revista “A Semana”, no período de 1930 a 1934, época de luta pelo sufrágio feminino. O estudo observa, por meio da análise da narrativa de processos comunicacionais, o conteúdo da revista que circulou em Belém (Pará/Brasil) entre os anos de 1919 e 1942 e tinha as mulheres como público estratégico. Considerando que a revista adota posicionamento conservador, nosso interesse foi verificar qual a perspectiva de representação sobre o feminismo, sobretudo o sufragismo feminino belenense, apresentado pelo semanário. O recorte temporal pesquisado são os primeiros anos da década de 1930, em Belém do Pará, época marcada por mudanças do poder político nacional que concedeu, através da luta feminista, a conquista do direito ao voto feminino no Brasil. Dentre as questões destacadas na cobertura sobre a então agenda feminista em constituição, “A Semana”, apesar de ser direcionada ao público feminino, produzia uma cobertura que não destacava ou reconhecia as demandas feministas da época, demonstrando as contradições da imprensa interiorana na Amazônia, na década de 1930, na abertura para o agendamento por direitos às mulheres.

**Palavras-chave:** Periódico A Semana. Narrativas sobre feminismo. Década de 1930. Amazônia.

<sup>1</sup> Professor adjunto da Universidade Federal do Oeste da Bahia (UFOB) e docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Cultura e Política da Universidade Federal do Amapá (Unifap). E-mail: sardinjor@yahoo.com.br

<sup>2</sup> Graduada em História (Licenciatura e Bacharelado), com especialização em Gestão e Organização da Escola. Email: zandralpf@gmail.com

<sup>3</sup> Professora adjunta no Curso de Licenciatura Intercultural Indígena e nos Programas de Pós-Graduação em Ensino de História/História (ProfHistória/PPGH) e em Estudos de Cultura e Política, da Universidade Federal do Amapá (Unifap). E-mail carina.almeida@unifap.br

## **ABSTRACT**

The article analyzes the treatment of the demand for women's rights, observing the coverage carried out by the magazine "A Semana", in the period from 1930 to 1934, a time marked by the struggle for women's suffrage. The study observes the magazine that circulated in Belém (Pará/Brazil) between the years 1919 and 1942 and had women as a strategic audience. Considering that the magazine adopted a conservative position, our interest was to verify the perspective of representation of feminism, especially the female suffragism of Belen, presented by the weekly. The time frame researched is the first years of the 1930s, in Belém do Pará, a time marked by changes in the national political power that granted, through the feminist struggle, the conquest of the right to vote for women in Brazil. Among the issues highlighted in the coverage of the feminist agenda being constituted, "A Semana", despite being aimed at a female audience, produced coverage that did not highlight or recognize the feminist demands of the time, demonstrating the contradictions of the interior press in the Amazon, in the 1930s, in the opening for the agenda for women's rights.

**Keywords:** A Semana Journal. Narratives on Feminism. 1930s. Amazon.

## **INTRODUÇÃO**

A década de 1930 marcou a política nacional com transformações circunstanciais, tendo por base, o fim da República Oligárquica no Brasil. Foi através da ascensão de Getúlio Vargas ao poder com o movimento político-militar da Revolução de 1930 que a estrutura política se desprendeu de velhas práticas e imputou modificações diversas no cenário social e econômico (CÂNDIDO, 1984; FENELON, 1981; SANDES, 2010; FRAGA; LAGO; MOURELLE, 2022). No Estado do Pará, o processo de centralização do poder capitaneado por Getúlio Vargas teve colaboração direta de Magalhães Barata.

Dentre modificações importantes pelas quais o Brasil passou, o direito ao voto feminino talvez seja uma das mais significativas em termos de democracia, cidadania e princípios republicanos. Nesse sentido, analisar como foi desenvolvida essa versão de sociedade em que a mulher pode participar do cenário público através do voto - conquistado por meio de lutas feministas das primeiras décadas dos novecentos -, e como o diálogo foi incorporado para essa sociedade e para as novas cidadãs belenenses é de fundamental importância. Por conta disso, a problematização deste artigo foca em estudar a revista "A Semana", por ter o enfoque às "damas belenenses" e com o recorte temporal adotado de 1930 – 1934, pois define desde a ascensão da nova política brasileira que aceitou as reivindicações à chancela do voto (instituído pelo Decreto n.<sup>º</sup>

21.076, de 24 de fevereiro de 1932, assinado por Getúlio Vargas, e assegurado, definitivamente, pela Constituição de 1934).

A Revista “A Semana” tinha sua publicação impressa com periodicidade semanal, circulou de 1919 a 1942, com foco nas leitoras da sociedade belenense: mulheres de classe-média à alta e moradoras de bairros nobres de Belém e do interior do Pará, com informações da capital do interior do estado paraense. Além disso, a publicação é representativa de um contexto histórico por ser um dispositivo de comunicação fundamental de agendas de tratamentos de interesse público do período. As fontes de pesquisa consultadas pertencem ao acervo da Revista “A Semana”, salvaguardado na sala “Obras Raras” da Biblioteca Arthur Vianna, na cidade de Belém do Pará.<sup>4</sup> O periódico era produzido substancialmente por homens, tendo o diretor-proprietário, um gerente e um secretário, respectivamente: Ernestino Souza Filho, Osmarino Pingarilho e Paulo de Oliveira.

Na abordagem da fonte histórica, o intuito foi entender os discursos que sintetizam pelo valor jornalístico temas de interesse das mulheres, sobretudo as questões envolvendo a demanda por direitos, e em como ela (a revista) conversava com suas leitoras e expunha as suas verdades acerca de seu discurso em sua publicação, pois entende-se que “comunicação, informação, poder e instrumento de sociabilidade” (BARROS, 2019, p. 179) estão intrinsecamente associados; daí a necessidade de se observar como esses discursos são lidos/escritos na (e para) a sociedade, refletindo sobre o processo de forjamento dessa leitura (CHARTIER, 1990).

Há uma diversidade imensa de periódicos, sejam revistas, jornais, boletins e outros tipos de impressos publicitados periodicamente e que devem ser compreendidos em seus contextos históricos de produção, circulação e recepção, porém, escolher um veículo direcionado ao “mundo” feminino (...) o assunto de que trata é bastante escabroso para as columnas d’A SEMANA, que vive nas mãos de senhoras e senhoritas<sup>5</sup> (A SEMANA, 1934, p. 18) é o

---

<sup>4</sup> O acervo da Revista A Semana está digitalizado para acesso público no site <https://obrasraras.fcp.pa.gov.br/a-semana-revista-illustrada/>.

<sup>5</sup> Esta e as demais citações diretas presentes neste artigo foram transcritas fielmente conforme os registros originais da época em que foram publicadas, preservando-se as convenções ortográficas, gramaticais e estilísticas vigentes naquele período.

ponto de partida da pesquisa presente.

Assim, as narrativas - em seu tempo - ocupam lugar privilegiado entre as fontes documentais e conduzem à consciência histórica (RÜSEN, 2009; RICOEUR, 2012). Nas palavras de Rüsen (2009, p.166), “[...] a consciência histórica representa o passado em um interrelacionamento mais explícito com o presente, guiado por conceitos de mudança temporal e por reivindicações de verdade”; ou seja, a revista é objeto que pertence ao seu tempo, o que explica o fato de o periódico assumir o lugar central na arquitetura, possibilitando a interpretação da sociedade de Belém e o papel destinado às mulheres.

Por essa perspectiva, a Revista “A Semana” expressa uma narrativa potente que conecta, a partir do seu discurso, a experiência de um tempo mensurado como *distensão*, por meio da ação comunicativa (MATHEUS, 2021) que, por sua vez, organiza-se em uma forma de dizer (abordagem editorial situada politicamente), e no que é dito (representado), por meio dessa ação performática (ou seja, sobre o que é dito acerca dos discursos relacionados à demanda por direitos das mulheres).

## **1. O CONTEXTO SOCIOPOLÍTICO E CULTURAL NA CIDADE DE BELÉM**

Como exposto, a Revista “A Semana” tinha como público principal mulheres vinculadas a uma elite econômica que estabelecia forte influência política na década de 1930 na cidade de Belém. Sobre a linha editorial, a Revista apoiava o governador interventor do Pará, Magalhães Barata, e publicou uma edição especial (A SEMANA, n. 690, mês de novembro, 1931) comemorativa de um ano da Revolução de 1930, demonstrando, inclusive, sua posição favorável ao governo centralizador de Vargas e ao Partido Liberal (FONTES, 2013), bem como os vínculos políticos assumidos pelo periódico, pois é perceptível na tradição da imprensa brasileira a presença de interesses societários enxertados em periódicos (BARBOSA, 2007; LUCA, 2006).

## **2. CONSTRUINDO E SITUANDO O CONTEXTO DE ANÁLISE DAS RELAÇÕES DE GÊNERO**

Para que se possa historicizar as relações sociais de gênero culturalmente representadas em discursos jornalísticos que circulam em

dispositivos midiáticos, como o caso dos periódicos, requer-se, enquanto análise, que se defina - e assuma - o conceito de gênero que orienta a abordagem. Seguimos a compreensão da historiadora Joan Scott (1989) que define gênero como uma forma primeira de significar as relações de poder e não apenas como marcador capaz de identificar um sujeito com base nas diferenças sexuais. Ou seja, as dimensões do gênero são lançadas como categoria para observar as relações sociais, mais precisamente as relações sociais de gênero em contextos historicamente situados.

Os eventos sociais globais que marcaram a transição dos anos mil e oitocentos para os novecentos e, sobretudo, as primeiras décadas do século XX, foram diversos.<sup>6</sup> No cenário nacional, esse período compreendido como República Velha ou Primeira República foi marcado por crises da principal fonte de exportação da oligarquia brasileira: o café e o leite (café-com-leite) representados pelas elites hegemônicas paulista e mineira - revezando-se no poder central da República; a capital do Pará, Belém, foi atravessada pelo desenvolvimento econômico (1850-1910) trazido pelo conhecido Ciclo da Borracha. A cidade se tornou polo irradiador pela nova forma de sociabilidade, oriunda das mudanças sociais e culturais trazidas por este desenvolvimento econômico, redefinindo também a sua paisagem urbana, e incorporando novos hábitos - como reflexo do processo cultural de modernização -, embora tenha conservado valores e comportamentos em espaços sociais tradicionais da cidade (SARGES, 2009).

Conectada à sua realidade, a Revista “A Semana” ressoava as movimentações e acontecimentos que marcaram os primeiros anos da década de 1930 em Belém do Pará – e penetrava em leitoras interioranas. O periódico elencava e trazia às leitoras e leitores conteúdos diversos, como comportamento, esportes, política, beleza, religião, poemas, contos etc., sendo que a maioria dos escritores da Revista eram homens. Entretanto, a revista publicava textos de escritoras mulheres como poemas e “análises” diversas sobre o cotidiano, sempre a partir de narrativas que confluíam à linha editorial.

---

<sup>6</sup> No contexto global, temos o neocolonialismo e o imperialismo, a Primeira Guerra Mundial (1914 - 1918), a Revolução Russa (1917), a emergência dos Estados Unidos da América (USA) se delineando como potência bélico-econômica mundial, a Crise de 1929, entre tantos outros.

Figura 01 – Capa de A Semana



Fonte: A Semana, v.15, n.791, março. 1934

Legenda – Capa da edição destaca, em imagem, o que é a representação de mulher, público-alvo da publicação

A Revista expressava um momento singular em que na sociedade belenense se movimentava a ideia de modernidade entre cenários de transformações globais (revoluções e pós-guerra) e regionais da Amazônia (Ciclo da Borracha). Do ponto de vista cultural, as primeiras décadas do século XX atravessaram questionamentos sobre lugar, comportamentos e experiências femininas no que se refere a “mulheres modernas” no campo nacional (CAULFIELD, 2000, p.162):

(...) Em 1920, o termo “mulheres modernas” referia-se não somente às trabalhadoras das fábricas, mas às mulheres petulantes, agitadas, namoradeiras, voluntárias e andróginas.

Muito de discurso brasileiro sobre a mulher moderna refletia um discurso semelhante originário da Europa e dos Estados Unidos: ela simbolizava as transformações do novo século (...) e desafiava o domínio masculino e os valores da família patriarcal que haviam cimentado a ordem social anterior (...).

O advento de uma nova configuração cultural sobre ser e estar no tempo reflete-se também no campo político. Na premência de ajustar mudanças sociais em consonância com uma renovada República, é uma resposta ao declínio político atribuído à República Velha (CAULFIELD, 2000); notam-se alianças de reformistas com políticos liberais vinculados a Getúlio Vargas para que fosse instaurada uma agenda de reformas, dentre elas, as ligadas aos direitos das mulheres.<sup>7</sup> O tempo das alterações socioculturais estruturantes enfrentou, no contexto nacional, a construção dualista entre incorporar o espírito moderno e conservar a tradição sob a lógica religiosa dos costumes. Em linhas gerais, setores hegemônicos esperavam uma modernização econômica, sem alterar práticas, lógicas e costumes tradicionais.

Em Belém, observava-se a reorganização dos comportamentos e hábitos a partir dos teatros, cinemas, sorveterias, bailes, *flirt* (nova forma de se pensar em namoros em bailes, diferentemente dos costumes da classe média belenense de outrora), modificando o espaço cotidiano e familiar (CANCELA, 2002). No que se refere às questões de gênero, havia uma efervescência provocada pelas alterações dos costumes que, para os homens, solapava o “casamento [como] sendo um infortúnio” (CANCELA, 2002) e, no caso das mulheres, reafirmava o envolvimento e a seleção do cônjuge aliados à dinâmica patriarcal da sociedade, destacando a educação para as atividades domésticas nesse período da década de 1930 (SPINOSA, 2002); a chegada da luz elétrica, a prática noturna de despir o corpo podiam se tornar um problema no contexto do matrimônio, porquanto a mulher deveria se revelar sob a luz ao seu marido (PERROT, 2003).

---

<sup>7</sup> Há que se destacar, nessa análise, um ator importante no contexto estudado, o Partido Liberal, de Magalhães Barata. O partido estava no espectro do movimento político liderado por Getúlio Vargas, a Aliança Liberal Nacional, que buscou romper com a lógica de divisão do poder político entre as oligarquias do país. Nos estados brasileiros houve adesão à Aliança Liberal Nacional. Porém, a promessa reformista de democracia só serviu para beneficiar o aparelho do Estado (novo) (MAIA, 2009, p. 45). Ou seja, a propaganda serviu para mostrar um “engajamento” político liberal sobre a posição feminina e não abriu caminhos para discussões (feministas) fora dessa esfera pré-estabelecida por Barata.

Para nos apoiarmos nas fontes históricas selecionadas, identificamos um modo de falar sobre as demandas no que se refere a gênero na revista “A Semana”. O discurso que prevalecia era de que o *status quo* da mulher não deveria ser modificado no conceito pré-estabelecido na (e da) sociedade, vejamos nessa passagem do periódico: “[...] E essa história de fatalismo é para as tolas [casamento] como algo ruim. A inteligência é quem decide sobre um casamento feliz” (BARBOSA, 1931). Falas da revista espelham o imaginário da cidade de Belém que passava por intensas mudanças, desencadeando em debates sobre valores morais esperados das mulheres em seu papel tradicional de gênero.

O periódico defende que o casamento seria a segurança às mulheres, sem poupar argumentos na defesa da pauta conservadora. As estratégias eram elaborar narrativas persuasivas, marcadas por dualismos e dicotomias simplistas em torno da questão que perpassa desde a beleza (física) finita e o casamento eterno. A constituição de um tipo ideal feminino para responder às demandas de um tempo que se conserva, ao menos nas páginas da publicação, reforça papéis de gênero na responsabilização da mulher pela harmonia e qualidade das relações no matrimônio, assim como há ensinamentos aos esposos em como devem tratar as esposas, como no expediente da Revista intitulado “Arte de ser marido” (NEVES, 1931, p. 18):

A sua esposa se está feliz ou triste subitamente há de se apaixonado e não é pelo seu marido; dos desocupados de pensões, prédios que se ocupam das mulheres casadas; a hora do diabo; o homem deve ver no relógio a hora; a mulher honesta dorme cedo; não ler romances, só deve ler tabela de preços da feira; se ler é mal se escreve é péssimo, e se escreve deve ser ao seu marido, mas pouco para este não cansar o cérebro e nem se enfurecer; para a mulher essa sempre ocupada, pois é melhor ela está pregando o botão do marido que pregando peças nelle; suspirar não é coisa digna de uma boa linhagem de mulher, prohibir amigas íntimas, pois é unir a tua mulher com o diabo, nem levar amigos, porque são esses que traem; determinar a hora de beijar e dar carícias para ela saber; evitar telefone na casa, basta pagar um moleque ir comprar o que precisa, está certo que elle pode levar cartas de amor, mas é bem mais fácil que o telefone; se a sogra e a tua mulher estão conversando baixinho, e sinal de véspera de festa no inferno; a mãe é o retrato da filha aumentado em tamanho e feiura, e quem conhece melhor é o sogro; não deve sair de casa sozinha; sem o marido

está sempre acompanhada de maus pensamentos; se a mulher nem é magra e nem gorda é quase natural ela trai, mas há magras a custa de regimes; o marido inteligente deve se fazer de que não é seu dono e respeita-la de vez em quando, duas vezes ao ano, para ela tê- lo sempre só.

O que se identifica ao exposto acima é uma narrativa normalizadora e de sujeição das leitoras às normas patriarcais de gênero, assim como um reforço de base moralista para designar e ordenar pelo discurso de poder, nesse caso, por meio do uso de palavras de ordem como voz de ordenação (GOMES, 2003). Em uma perspectiva foucaultiana, (*idem*) comprehende que as palavras elencadas em discursos normatizadores apresentam efeito performático, na medida em que trabalham para um disciplinamento tipificado como mecanismo, tornando a prática de poder rápida em efeito, leve e eficaz do ponto de vista estratégico.

Em observância aos discursos expressos nas dinâmicas de composição editorial da revista, que alcançavam a esfera pública, percebeu-se que a abordagem narrativa apresentava contradições acerca da ciência da cosmética. Os cosméticos, em especial, são objeto de propaganda da Revista constantemente; no entanto, o uso de algumas alternativas propostas pela indústria da beleza feminina é reprovado por indicar que o “aformoseamento” ou o “truc” (truques) pode interferir diretamente no comportamento da mulher. Os editores da Revista recorrem à referência médica para demonstrar que as mulheres corriam o perigo iminente de “sofrer perturbações” e chegar à “loucura” ao adotar “truques de beleza” estimulados pela indústria da época, descritos em “Os inconvenientes do ‘Rimmy’” (S/a, 1931, p. 116):

Um médico americano declara que as mulheres que usam “rimmy” nas pestanas acabam por sofrer perturbações, que podem chegar a loucura. As pessoas adoptam este “truc” de perfumaria – diz elle – começam não poder fechar os olhos, visto que a matéria pegajosa de que o “rimmy” é composto pega as pestanas superiores ás interiores e chega, em alguns casos, a impossibilitar as de se abrir, se por acaso se fecham. Por isso, todas as mulheres que empregam este processo de aformoseamento estão sempre com os olhos obstinadamente abertos, com uma fixidez de cadáver.

No referido trecho, recorremos à perspectiva foucaultiana para apontar a existência de uma pedagogia disciplinante das mídias jornalísticas que engendra

uma configuração capaz de modular nossa dimensão e percepção de realidade (GOMES, 2003) e de relações de poder que permeiam a relação entre homens e mulheres. Por essa via, o que se aciona é um discurso essencialista, de base médico-biológica, para docilizar corpos que ousam se deixarem afetar por recursos questionáveis - artificiais e antinaturais - da nascente indústria da beleza. O resultado dessa operação performática da palavra no texto é de produzir mensagem potente em torno dos corpos femininos. O discurso da Revista, no episódio “Rimmy”, ao utilizar dos subterfúgios possíveis para a promoção do controle do corpo da mulher, torna o comportamento feminino constantemente vigiado e recorre à alegação da naturalidade da beleza para sustentar a produção da ideia de “mulheres honestas” (FOUCAULT, 1988; CAULFIELD, 2000), sem os truques da moda.

Percebemos que, ao adotar essa estratégia narrativa no excerto de “Os inconvenientes do Rimmy”, a revista “A Semana” defende que a questão da honestidade estaria ligada à vida da mulher em todas as suas etapas, o que entrelaça, nesse discurso, a postura do sexo feminino diante da sociedade. A vida matrimonial é vigiada, e a viuvez não fugiria à regra.

Segundo depreende-se do trecho extraído da revista, o conceito de mulher moderna estaria ligado à busca, desde a indústria da beleza ao sinônimo de insensibilidade e desprezo pelo luto matrimonial. Observa-se no conto: “Uma mulher moderna” (S/a, 1931, p.136):

Uma viuvinha americana recebeu por escripto, oito dias depois do falecimento do marido, um pedido de casamento de um dos seus admiradores. A resposta foi a seguinte: Meu amigo: Lamento sinceramente que a sua declaração me tinha chegado tarde!.. Mas a culpa foi unicamente sua, pois se me queria para sua mulher – deveria ter-me, ha mais tempo, feito conhecer, claramente, os seus apreciáveis sentimentos visto que, desde longa data, segredo não era para ninguém que o meu defunto marido nenhuma possibilidades tinha – coitado! – de continuar vivendo. Não perca, porem, a esperança... Tudo pôde vir a ser... O futuro a Deus pertence... Sua sincera amiga – Marta.

Chegou tarde!.. Mas a culpa foi unicamente sua, pois se me queria para sua mulher – deveria ter-me, ha mais tempo, feito conhecer, claramente, os seus apreciáveis sentimentos visto que, desde longa data, segredo não era para ninguém que o meu defunto marido nenhuma possibilidades tinha – coitado! – de continuar vivendo. Não perca, porem, a esperança... Tudo pôde vir a ser... O futuro a Deus pertence... Sua sincera amiga – Marta.

O discurso sobre virtude que a mulher deve ter traça com deveres a serem seguidos, corroborando com o trecho que diz: “Mulher sem virtude é como a ‘flor’ sem perfume” (A.Z.V Do, 1931, p. 27).

Espressoando a conduta sobre “mulher moderna”, o periódico apresenta uma crônica interessante sobre “flertes” e “gentilezas”, com o título “O desfile da elegância” (GIOCONDA, 1934, p.14), deixando a entender que os lugares assumidos nos relacionamentos poderiam ficar em perigo, caso homens e mulheres detivessem os mesmos direitos sociais. O excerto narra o caso de duas jovens “senhorinhas” que convidam, respectivamente, dois “cavalheiros” para ir ao cinema; contudo, ambas estavam sem recursos para custear a bilheteria. Na citada história, os rapazes são identificados como “cariocas” e, ao serem provocados para comprar os ingressos, manifestam-se de sobressalto afirmando que “lá no Rio” quando uma “senhorinha convida um cavalheiro a um qualquer passeio, paga até o pato com grande prazer...”. Depreende-se da cena que, para as damas belenenses, causava espanto e desgosto a postura deselegante dos rapazes que vinham da capital do país, Rio de Janeiro. O semanário acusou, portanto, que a emergência de certos comportamentos de gênero no mundo moderno da capital brasileira poderia acarretar, na verdade, em conflitos de postura e comportamento, uma vez que os valores de referência são balizadores das relações de gênero.

### **3. O FEMINISMO E O FEMININO NO DISCURSO DO PERIÓDICO “A SEMANA”**

No bojo da construção de um lugar no espaço político para as mulheres em Belém, convém historicizar que havia, desde as primeiras décadas do século XX, manifestações de frentes femininas em prol das duas oligarquias que se revezavam no poder na capital paraense. As primeiras manifestações tiveram início com a Primeira República, conhecida pelo bipartidarismo que existia na política de Belém entre Lauro Sodré e Antônio Lemos — “lemistas e lauristas” — (ÁLVARES, 1995). Ou seja, a participação feminina na política não era um caso novo na sociedade belenense, mas estava no apoio do modelo político operado por homens. As mulheres esposas de personalidades políticas foram organizadoras de espaços de mobilização no cenário político, desde a Primeira República.

Como destacado anteriormente, a “[...] primeira onda do feminismo aconteceu a partir das últimas décadas do século XIX” (PINTO, 2010, p.15-16) e, na Inglaterra, o direito ao voto foi efetivado em 1918. No Brasil, a luta feminista em defesa do direito ao voto (sufragetes brasileiras) foi liderada por Bertha Lutz, desde 1910, uma das fundadoras da Federação Brasileira pelo Progresso Feminino (PINTO, 2010). Essa atuação foi fundamental para que se mobilizasse no Senado Brasileiro uma proposta de lei em 1927, direito que foi efetivado com o Decreto n. 21.076, de 24 de fevereiro de 1932, que instituiu o Código Eleitoral pelo então presidente Getúlio Vargas e, em 1934, com a promulgação de uma nova Constituição.

Na capital paraense, é possível visualizar a primeira onda do feminismo entre 1920 e 1930 (ÁLVARES, 2010):

Um feminismo latente pode ser vislumbrado na década de 20-30 [século XX], no Pará, marcando a primeira onda do movimento, considerada onda sufragista (...) ao lançarem a idéia da igualdade intelectual e política da mulher a partir da conquista do direito do voto, em franca discussão nos principais Estados brasileiros. As sufragistas paraenses nucleadas no Departamento Paraense pelo Progresso Feminino traduzem suas práticas em divulgar as idéias de Bertha Lutz, através dos jornais e em artigos que demonstram a sua inclusão entre as que defendem os direitos de igualdade política feminina.

Na segunda década do século XX, o movimento de sufragismo feminino tomou dimensões amplas — e, nesse aspecto, o movimento Modernista contribuiu para fomentar o sufragismo paraense. A capital do Pará contava com a participação ativa de duas mulheres no movimento feminista: Eneida de Moraes e Orminda Bastos.

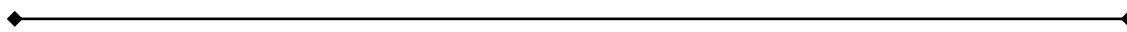
Eneida de Moraes contribuiu para interpretar a realidade belenense, ligada ao grupo Associação dos Novos, (MAIA, 2009) e pautada na concepção de uma educação ampla para a mulher, pois, dar direito ao voto sem uma base educacional não iria mudar esse “lugar” feminino instituído. Nas palavras da própria ativista: “[...] a nossa vitória é da inteligência [...]” (ÁLVARES, 1997, p. 141). Para Eneida de Moraes, as mudanças reais só poderiam vir através de uma Revolução Comunista. Com outra percepção, Orminda Bastos acreditava que, tendo a oportunidade de poder votar, a mulher se tornaria politicamente tão necessária para a sociedade quanto o homem. Militante pelo direito ao voto da

mulher, desde 1925, a sufragista Orminda Bastos se tornou a voz do feminismo no Pará, sendo convidada a representar a Federação Brasileira pelo Progresso Feminino, de Bertha Lutz no estado (ÁLVARES, 1997). Em 1931, temos a criação do Departamento Paraense Pelo Progresso Feminino, sob a coordenação da sufragista Bastos que incorporou a luta pelo voto até o ano da conquista desse direito, em 1934.

Adentrando na análise sobre como a Revista “A Semana” observou o debate político envolvendo a demanda feminista por direito à igualdade e ao direito à participação política, percebe-se que o discurso sobre a modernidade é poroso para o semanário; é perceptível que a revista aborda o contexto moderno para o consumo mercantil de novidades e não avança para pensar direitos políticos também como parte dos ineditismos da época.

No periódico, os espaços destinados a discutir e tratar da estética e das tendências de beleza sinalizados pelos novos tempos contrastam com a abordagem reducionista e o tratamento delegados às demandas femininas como as ligadas à reivindicação por igualdade em direitos. Nos expedientes — “Consultório de Belleza”, da edição de outubro de 1934, a nota “Conselho de belleza” (S/A, A Semana, 1934, p. 18) que identifica a beleza do pescoço ao mal de gritar, elevar muito a voz e pegar sol, pois assim, iria “[...] ennegrecer e lhe tirar o encanto!” (Opus cit) —, é perceptível que o cuidado com o corpo feminino se tornou uma preocupação rentável publicitariamente, porém, o dogma patriarcal é a base do conservadorismo, o familiar.

É por certo analisar que, nesse período, na sociedade, há discussões sobre igualdade em ocupar espaço público, sobretudo na política e no trabalho; porém, a Revista impõe estratégias médicas para patologizar mulheres que ousam sair do espaço doméstico e se recusam às obrigações no seio da família. O excerto a seguir evidencia que a “missão” das mulheres leitoras do periódico era ser “reproductora da espécie”, restringindo a atuação às suas famílias e casas. A realidade das mulheres trabalhadoras era outra e, em certo sentido, desqualificada. Observemos o trecho destacado que aponta para essa perspectiva, envolvendo a demanda por igualdade de gênero no espaço público, neste caso, do mundo do trabalho, que contém na coluna “A mulher fóra do lar” de A Semana (OLIVEIRA, 1933, p. 30,):



(...) O trabalho da mulher fóra do lar, além das consequencias de ordem moral, traz tambem a de ordem physica, que são as oriundas da depauperação. A mulher deve viver perfeitamente forte e conservada para poder, com eficiencia, exercer a sua missão de reproductora da espécie. Quantos casos de degeneração, com todo cortejo de miserias que acarretam, não têm por base uma geração deficiente, anormal, imperfeita verificada em um ventre depauperado pela fadiga proveniente do excesso de trabalho?".

A efervescência da luta feminista no Pará não fica de fora da cobertura da Revista “A Semana”. A publicação, seguindo a linha editorial de enfrentar qualquer demanda que posicione a mulher fora da constituição patriarcal de organização das relações sociais de gênero, observava a movimentação feminista com atenuantes olhares vigilantes e de condenação, como veremos a seguir (COSTALLAT, 1933 p.22):

Para o futuro

Lendo ‘Os Inconvenientes do Feminismo:

Si chegar o tal tempo das mulheres também serem ministras, é buraco; lavaremos panellas e culheres, passaremos café num grande sacco.

Não faremos mais nunca o pé-de-alferes ao passar junto a nós meninas taco porque logo dirão: - o que fizeres conto a tua mulher meu bom velhaco!

Nesse tempo as mulheres – sorte crua – desfarão e farão, lá pela rua, e nós, os homens, cabisbaixamente, ficaremos, em casa, cosinhando, lavando a roupa, o filho acalentando, si quizermos viver tranquilamente... Especial para ‘A voz dos outros’

É necessário salientar que quando a Revista expôs à leitora e ao leitor seu posicionamento quanto à emancipação feminina, ela defendia discursos que minimizam [ou negam] a importância da luta feminista, porém não nega a existência da força de trabalho que obteve após a Primeira Guerra Mundial; para garantir a demanda das mulheres por mais espaço na sociedade, não se tratava apenas de um lugar no espaço doméstico e se envolver no espaço público. Como destaca a revista a seguir (DE LORENZI, 1933, p. 09),

A emancipação da mulher

No advento do christianismo, a mulher teve a sua classificação, sendo lembrado que ella não nascera para ser escravizada. Depois... a noite dos tempos foi apagando a pouco e pouco essa advertencia (opportuna, diríamos nós) e... num salto de séculos estamos a presenciar o espectaculo suave de reclamações conciliadoramente femininas: as próprias condições criadas pelos homens, nas diversas transformações sociaes, como essa extraordinária da guerra mundial, vieram despertar lhe para a conquista, em termos, de seus direitos e dos deveres de fraternidade de seus irmãos, mais fortes, para com ella. Como poderíamos censurar a mulher que trabalha, cultiva sua inteligência, enriquece seus cabedais de sentimento, alegando que esse papel não lhe é natural, porque em tempos que se foram não eram esses os costumes, não eram essas condições? Seria um contraste, flagrante; se mudaram os meios, as condições e os hábitos, é necessário estar preparado para affrontal-os e venvel-os sem modificar a base social que lhes serve de controle. Sem prejuízo, exatamente contrariando essa possibilidade, pode se viver intelligentemente, realizando ao mesmo tempo belleza e bondade.

Aqui se tem uma narrativa discursivamente operada e assinada por uma mulher., considerando seu espaço de fala e o lugar que ocupa sua narrativa feminina, o que desperta uma disputa cultural para atualizar o contemporâneo, sob a lógica que conserva costumes e práticas que a revista valorizava; o conflito cultural posto atravessa, portanto, dela que, por sua vez, ecoam as contradições de seu tempo, demonstrando os pontos de valores e comportamentos para a existência pública e política das mulheres. Tais conflitos se materializam na Revista como dispositivo capaz de, enquanto fonte historiográfica, recuperar e dar ressonância a problemáticas mais substanciais de um dado período histórico.

Na linha de análise sobre as estratégias editoriais do semanário para abordar o debate acerca do direito à participação política das mulheres, destacamos que a revista desqualificou o voto feminino, usando de patrimonialismo comum na cultura política brasileira que serve tanto para justificar lógicas nos espaços públicos, com práticas e modos de ser e estar no espaço privado. E para exemplificar essa lógica, tem-se na revista o que poderia ser classificado como traição na perspectiva em votar contra os domínios do cônjuge (homem). Nela, há a descrição de uma casa (com alto poder aquisitivo) e contendo mulheres que podem votar; no entanto, a matriarca votou no partido oposto ao do seu marido, e ainda conseguiu atrair os votos das duas filhas,

transformando a atmosfera, aparentemente harmônica de sua casa, em um ambiente tóxico e afetando, com isso, o ânimo do esposo, que perderia “força” emocional e deixaria o erro entrar pela sua própria casa. Vejamos trecho de texto publicado (GIOCONDA, 1934, p. 22):

[...] E os lares desmancham como novellos de fumaça. Ali, aquella senhora, que é elemento de destaque em o meio social, votou contra o partido do qual é membro o seu proprio marido. As filhas seguiram-lhe o exemplo. Quem hoje pisa naquelle casa, onde havia prazer, notará que só não chora o luxuoso mobiliario porque esse, emfim, não tem coração, mas, no entanto, se mantém numa frieza inexplicável.

A narrativa de negação das ideias feministas se reforça quando observada mais uma vez a tentativa de enfrentar o feminismo como campo político de reivindicação de igualdade de gênero. A revista usou como estratégia midiática a fuga das regras do debate no espaço público (confronto de argumentos) para refugiar-se em uma tentativa de confrontar os interlocutores e não suas respectivas ideias (CELSO, 1933, p. 12):

O surto feminista que, há onze anos atrás, esparso e individual, ainda se nos deparava embryonario, a despeito de todos os obstáculos opostos ao seu avanço, a despeito principalmente da inercia ambiente e da ignorância ou desinteresse da maioria prosseguiu sem desfalecimento na sua rota de victoria.

De victoria, sim, minhas senhoras e senhores.

Aos novos contingentes de nosso partido, a esse ardoroso e luzido grupo de jovens feministas da actualidade, que para exercerem as suas profissões, verem remunerado o trabalho de seus empregos, desfrutarem da liberdade igualitária do direito de voto, já encontrando a senda a meio desbravada, não puderam aniquilar da dificuldade dos primeiros passos, esta victoria não se antolhará tão extraordinária quanto a mim, por exemplo, que pertencente a uma geração de transiçãoinda conheci de perto o poder jugulador do preconceito e a limitada intransigência dos velhos cânones da educação feminina.

Ao escolher determinadas palavras e expressões, como “surto”, “desfalecimento” e “rota de victória”, o que se tem é uma estratégia midiática sustentada no discurso menos aberto à reflexão e, portanto, mais dogmático — fechado a reparações e contestações por se basear em referências de ordem moral que demandam crença e não racionalidade plena, reiterando e legitimando a associação do feminismo a bravatas e embutidas de patologia; afirma-se

nitidamente nas páginas da revista um discurso desviante, quase abjeto, para os parâmetros do feminismo.

No âmbito da construção discursiva elaborada pelo semanário, a tentativa de deslegitimar o feminismo envolve estratégias que se apropriam de outros discursos circundantes em lógica não aprofundada do assunto feminismo, utilizando o imaginário como estratégia metadiscursiva (MOTTA, 2002) em que a revista se ocupa de combater ideologias que afeta, na concepção dos editores, o bom funcionamento da sociedade, a estrutura lógica de poder.

No contexto histórico brasileiro e local, o combate ao comunismo tinha forte presença no Partido Liberal que, como dissemos, era apoiado pelo periódico. A narrativa da Revista insistiu em associar duas perspectivas distintas de mundo — comunismo e feminismo — para que, dessa bricolagem, potencializasse esquemas de interpretação capazes de combater culturalmente o pensamento dissidente. No expediente “Os Colibris de Gomôrrha”, tendo como exemplo a mulher de personalidade “volátil”, desviantes contendo alusão de feminismo: “[...] No império do feminismo da confusão no calor, rege a lei do comunismo, o comunismo do amor. É crime e Natura enclausurar a mulher, cuja a virtude é mais pura quando ella faz o que quer!” (YANDAIA, 1931, p. 48).

Em profusão, não podemos desassociar o ataque ao feminismo, a forma como a Revista direciona ao seu público e suas estratégias midiáticas metadiscursivas que promovem a associação do feminismo com o comunismo. Entretanto, como registro de pesquisa, cabe ressaltar que o debate e a ofensiva ao comunismo não são vistos com tanta frequência na revista se compararmos ao debate sobre o feminismo, mas contendo valores semelhantes entre ambos.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

No decorrer desta análise, procuramos destacar o papel significativo que a revista “A Semana” teve para a problematização do feminismo e do sufragismo no cenário histórico investigado, pois trata-se de uma revista direcionada ao público feminino. No aspecto cultural, o periódico indica as mudanças sociopolíticas estruturantes e conservadoras do país, opondo-se ou apoiando — conforme necessidade da política que apoia (e da base financeira) — a

constituição do modernismo enquanto um fenômeno sociopolítico. A publicação pode ser compreendida como um potente instrumento midiático influenciador na sociedade de Belém, expondo o *modus operandi* de como se tecem as discussões socioculturais na imprensa de seu tempo, confrontando a agenda de práticas, costumes e comportamentos conservadores *versus* renovadores em Belém do Pará.

Dentre as concepções expostas no periódico, observou-se a intenção da revista em construir um discurso que buscava deslegitimar a demanda por direitos às mulheres, que pudessem igualar ou sobrepor a “naturalização das relações” sociais de gênero, baseadas em protocolos e práticas do patriarcado.

No decorrer da discussão, procuramos evidenciar que “A Semana” tem laços estreitos com o poder político vigente (local-nacional), apoiando-se explicitamente na base político-partidária liberal dos envolvidos no movimento de 1930. O posicionamento narrativo que desqualifica o discurso feminista é enfático e recorrente na Revista, lançando mão de todo o poder que um meio midiático poderia alcançar naquela época. A revista promove uma propaganda contrária e com suspeição ao sufragismo, sendo necessário considerar, portanto, o seu poder de representar, dado o papel histórico da imprensa brasileira e sua relação (quase) umbilical com o campo político (BARBOSA, 2007). Cabe destacar que essa característica da cobertura midiática negacionista da Revista sobre demandas por direitos e igualdade das mulheres estava presente quando o semanário se propunha a abordar o tema que, aliás, não era uma pauta recorrente de cobertura.

Por fim, entendemos que esta análise tem uma dimensão localizada, ou seja, observamos o debate sobre feminismo, direitos das mulheres e demandas por igualdade, tendo como *lócus* de observação a fonte histórica “A Semana”, revista voltada a uma classe social privilegiada (média e média alta) da cidade de Belém — lida no interior do Pará também. Essa ressalva é importante porque abre precedentes para que se possam observar, em futuras análises, outros dispositivos midiáticos, inclusive atinentes à imprensa alternativa, assim como o debate e o enquadramento das demandas de outros segmentos e/ou grupos sociais de mulheres na capital paraense, abrindo um flanco de investigações que envolva o jornalismo enquanto fonte de pesquisa histórica para observar

relações como as quais exploramos brevemente enquanto objeto de estudo da presente investigação.

## REFERÊNCIAS

ÁLVARES, Maria Luzia Miranda. Memória e Imagem do Feminismo e das Ligas Partidárias no Pará: 1910-1937. In: ÁLVARES, Maria Luiza Miranda; D'INCAO, Maria Ângela (org.). **A Mulher Existe?** - uma contribuição ao estudo da mulher e gênero na Amazônia. Belém: GEPEM, 1995, p 133-154.

ÁLVARES, Maria Luzia Miranda. "ORMINDA E ENEIDA: duas versões do feminismo paraense". In: ÁLVARES, Maria Luiza Miranda; SANTOS, Eunice Ferreira dos (org.). **Desafios de Identidade**: espaço – tempo de mulher. Belém: CEJUP, 1997, p. 125-146.

ÁLVARES, Maria Luzia Miranda. Histórias, saberes, práticas: os estudos sobre mulheres entre as paraenses. **Rev. NUFEN**, São Paulo, v. 2, n. 1, , 2010. Disponível  
em:[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S2175-25912010000100007](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2175-25912010000100007). Acesso em: 17 maio 2024.

ARTE de ser marido. **A Semana**: Revista Ilustrada, Nazaré, PA, p. 15, 1931.

BARBOSA, Marialva. **História Cultural da Imprensa – Brasil, 1900-2000**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

A SEMANA. **Major Magalhães Barata, o Interventor modelo e que é, no Pará, uma figura querida pelo povo**, n. 690, mês de novembro, 1931

A.Z.V Do. **A Semana**: Revista Ilustrada, Nazaré, PA, p.27, 1931.

BARABAIA, João. **A Semana**: Revista Ilustrada, Nazaré, PA, p. 22, 1933.

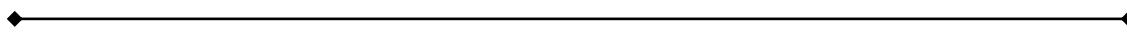
BARBOSA, Clóvis. A moça mais leviana da minha província, posando para posteridade. **A Semana**: Revista Ilustrada, Nazaré, PA, p.13, 1931.

BARROS, José d'Assunção. **Fontes históricas**. Introdução aos seus usos historiográficos. Petrópolis: Vozes, 2019.

CANCELA, Cristina Donza. Relações familiares em Belém (1890-1940). In: BEZERA NETO, José Maia; GUZMAN, Décio Alencar (org.). **Terra Matura**: historiografia e história social na Amazônia. Belém: Paka-Tatu, 2002, p. 407-420.

CÂNDIDO, Antonio. A Revolução de 1930 e a cultura. **Novos Estudos Cebrap**, São Paulo, v. 2, n. 4, p. 27-36, abr. 1984.

CAULFIELD, Sueann. "**Que virgindade é esta?**": Julgando a honra da mulher moderna. In: EM defesa da honra: moralidade, modernidade e nação no Rio de



Janeiro (1918-1940). - Campinas, SP: Editora da Unicamp/Centro de Pesquisa em História Social da Cultura, 2000. p. 159-193.

CELSO, Maria Eugênia. **A Semana**: Revista Ilustrada, Nazaré, PA, p.12, 1933.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural**: entre práticas e representações. Tradução Maria Manuela Galhardo. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

CONSELHO de belleza. **A Semana**: Revista Ilustrada, Nazaré, PA, p. 19, 1934.

CONSULTÓRIO de Belleza. **A Semana**: Revista Ilustrada, Nazaré, PA, p. 13, 1934.

COSTALLAT, Benjamim. Para o futuro. **A Semana**: Revista Ilustrada, Nazaré, PA, p.22, 1933.

DE LORENZI, Nair. **A Semana**: Revista Ilustrada, Nazaré, PA, p.09, 1933.

FENELON, Déa Ribeiro. A Revolução de 1930: historiografia e pesquisa. **Estudos ibero-Americanos**, Porto Alegre, v. 7, n. 1/2, p. 15-30, 1981.

FONTES, Edilza. Cultura e política dos anos trinta no Brasil e as memórias do interventor do Pará, Magalhães Barata (1930 - 1935). **Revista Estudos Políticos** (PPGCP/UFF), Rio de Janeiro, v. 4, n. 8, 2013 (2). Disponível em: <https://biblat.unam.mx/pt/buscar/cultura-e-politica-dos-anos-trinta-no-brasil-e-as-memorias-do-interventor-do-para-magalhaes-barata-1930-1935>. Acesso em: 23 jun. 2023.

FOUCAULT, Michel. **A História da Sexualidade I**: a vontade de saber. Rio de Janeiro-RJ. Edição Graal, 1988.

FRAGA, Andre B.; LAGO, Mayra C.; MOURELLE, Thiago. Interpretações sobre a Revolução de 1930: história e historiografia. **Antíteses**, Londrina, v.15, n. 29, p. 220-249, 2022.

GIOCONDA. **A Semana**: Revista Ilustrada, Nazaré, PA, p.14, 1934.

GIOCONDA. **A Semana**: Revista Ilustrada, Nazaré, PA, p.22, 1934.

GOMES, Mayra Rodrigues. **Poder no jornalismo**. São Paulo: Hacker editores e EDUSP, 2003.

LUCA, Tânia Regina de. Fontes Impressas: História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). **Fontes Históricas**. 2. ed. São Paulo. Editora: contexto, 2006, p.111-154.

MAIA, Maíra Oliveira. **Jogos políticos na Terra Imatura**: as experiências políticas dos Modernistas Paraenses (1930-1945). 2009. 111 f. Dissertação (Mestrado em História Social da Amazônia) - Instituto de Filosofia e Ciências

Humanas, Universidade Federal do Pará. Belém, 2009.

MATHEUS, Leticia Cantarela. Paul Ricoeur e a narrativa além do gênero discursivo. **Galáxia**, São Paulo, v. 1, n. 46, p. 1-16, 2021.

MOTTA, Rodrigo Patto Sá. **Em guarda contra o perigo vermelho**: o anticomunismo no Brasil (1917-1964). São Paulo: Perspectiva/FAPESP, 2002.

NEVES, Berilo. A arte de ser marido. **A Semana**: Revista Ilustrada, Nazaré, PA, p.18, 1931.

OLIVEIRA, Hermogenes de. **A Semana**: Revista Ilustrada, Nazaré, PA, p.30, 1933.

OS inconvenientes do 'Rimmy. **A Semana**: Revista Ilustrada, Nazaré, PA, p. 116, 1931.

PERROT, Michelle. Os silêncios do corpo da mulher. In: MATOS, Maria Izilda Santos; SOIHET, Rachel (org.). **O corpo feminino em debate**. São Paulo: Editora UNESP, 2003. p. 13-26.

PINTO, Céli Regina Jardim. Feminismo, História e Poder. **Rev. Sociol. Polít.**, Curitiba, v. 18, n. 36, p. 15-23, jun. 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rsocp/a/GW9TMRsYgQNzxNjZNcSBf5r/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 20 maio 2024.

RICOEUR, Paul. **O Discurso da Ação**. Lisboa: Edições 70, 2012.

RÜSEN, J. Como dar sentido ao passado: questões relevantes de meta-história. **História da Historiografia**: International Journal of Theory and History of Historiography, Ouro Preto, v. 2, n. 2, p. 163–209, 2009. Disponível em: <https://www.historiadahistoriografia.com.br/revista/article/view/12>. Acesso em: 23 jul. 2024.

SANDES, Noé Freire. 1930: entre a memória e a história. **História Revista**, Goiânia, v. 8, n. 1, p. 143-160, 2010.

SARGES, Maria de Nazaré. Riquezas, tributos e mercado de trabalho em Belém do Pará, 1890-1910. In: FIGUEIREDO Aldrim Mourão de; ALVES, Moema de Bacelar (org.). **Tesouros da Memória - História e Patrimônio no Grão-Pará**. Belém: Ministério da Fazenda - Gerência Regional de Administração no Pará/ Museu de Arte de Belém, 2009. p. 181- 191.

S/AUTOR. **A Semana**: Revista Ilustrada, Nazaré, PA, p.116, 1931.

S/AUTOR. **A Semana**: Revista Ilustrada, Nazaré, PA, p. 136, 193.

S/AUTOR. **A Semana**: Revista Ilustrada, Nazaré, PA, p.18, 1934.

SCOTT, Joan. **Gender**: a useful category of historical analyses. *Gender and the politics of history*. New York: Columbia University Press, 1989.

SPINOSA, Vanessa. Casamento e relações conjugais: da convivência à separação (Belém- 1930 a 1940). In: BEZERA NETO, José Maia; GUZMAN, Décio Alencar (org.). **Terra matura**: historiografia e história social na Amazônia. Belém: Paka-Tatu, 2002. p.421-432.

YANDAIA, Procopio. **A Semana**: Revista Ilustrada, Nazaré, PA, p.48, 1931.

**Recebido em 10-10-2024**

**Aprovado para publicação em 05-05-2025**